

CANTO XV.

*Transito da veneravel
Teresa,*

I.

COm rouca vox, deſtemperada lyra,
Eſtilo humilde, verſos mal limados,
Olhos chorofos, peito que ſoſpira,
Acentos no cantar deſentoados:
O muſa de teu canto o curso vira
la pera lamentar os coſtumados
Rigores da negra Atropos, que vias
Corta de penſamentos, & alegrias.

II.

E da cor de que a triste libetina
Costuma andar vestida tu te veste
Nãote enfeites com rosa, nem bonina
Mas com capella do funeral Cipreste:
Que se grandesas mil da mão diuina
Obradas em Teresa, já puseste
Em tua doce Lyra; triste agora,
Que della quer o ceo priuarte, chora.

III.

Pera Auila seu curso dirigia
Teresa que de Burgos caminhaua,
Mas como o ceo pera outra parte a guia,
Doutra maneira as cousas ordenaua:
Detremina que em Alua a ver queria
A morte receber que se chegaua
Porque a que tene estrella tão ditosa
Estrella dalua fosse gloriosa.

II II.

Aqui se rende enferma, & he chamado
Da sancta que ve ja a morte chegar.
O confessor prudente, & seu Prelado
Que quer como culpada confessar:
O mal vai cada vez mais apressado
Ella sente nas forças atrasarse
A febre palpitando se desperta
Que morre he ja por casa noua certa.

V.

Vuntão se a visitala todas quando
Em presença das filhas lastimadas
De seus olhos aljofar derramando,
Pede perdão com mãos alevantadas:
Aly lhe está zelosa encomendando
As constituições que lhe tem dadas
E nada della aprendão, porque fora
No mundo (diz) muy grande peccadora.
Quem

VI.

Quem ja não vê soluços, & gemidos
 Das filhas pelos ares declarar-se,
 Os corações de dôr enternecidos,
 Em lagrimas os olhos debulhar-se:
 Teresa entre os rigores desabridos
 Pertende em paciencia abalifar-se,
 E em quanto estes actos exercita
 O regalo Eucharistico a vasita

VII.

Entrão lumes que logo vão mudando
 O lugar do sombrio em luminoso
 Religiosas ouuem-se resando
 Os versos de Daud, co tom choroso:
 O Sacerdote entrou que vem mostrâdo
 Amor pera o tesouro prècioso
 Que tem manjar dos Anjos o appellido,
 Mannà diuino, & Pão do ceo decido.

VIII.

Qual dentro em canos angos represada
 Sentindo na saida resistencia
 Costuma abrir caminho, & levantada
 Pulando está com força, & vehemencia:
 Tal aquella alma vendoc enleada
 Entre dores, procura a reuerencia
 Mostrar que está pedindo a sūma alteza,
 Trocando em muytas forças à fraqueza.

IX.

Leuantase asentada de repente
 Aquella que bolirce não podia,
 O espirito exulta de contente
 O coração lhe salta de alegria,
 O rosto se lhe faz resplandecente
 O corpo em todo o leito não cabia
 E dentro na alma hū tronco de mil flores,
 Prepara em que recebe seus amores.

O que

X.

O que entre estes amantes passaria
Dentro naquelle peito recolhidos
Os jubillo, os gostos a alegria
O amor em quilates tão sobidos:
Descurce a quem o ceo mais alumia
Contemplem corações a Deos unidos
Que neste mar de tais contentamentos,
Não sabem nauegar meus pensamentos.

XI.

Depois de ja passado grande espasso,
Que em tratar com Iesu se recreaua
Pretende vnirse a elle noutro laço,
Que no extremo banha, apura, & lava:
O sacramento ja do vltimo passo
Humildemente pede, & admiraua
Ver nella entre tais dores, & tormento,
O animo, o socego, o sofrimento.
che;

XII.

Chegadotinha ja a Virgem prudente,
 A ter com oleo ſancto apercebida
 Alampada que lhe era pertencente
 Pera que fosse às vodas admitida:
 Quando o Prelado chega, & brandamêto
 Pergunta se acabando em Alua a vida
 Queriam que ſeu corpo ſe leuaſſe,
 Pera Auila onde là ſe autoriſaſſe.

XIII.

Porem amor que lança alem da morte
 Asbalifas em ſeus procedimentos
 Naquelle peito ſancto eſtã tão forte
 Que ſò de obedecer tem pensamentos:
 Se aqui vida acabar me ordena a forte
 (Diz ella em vagaroſos mouimentos)
 Não acharei aqui na terra dura
 Pera eſte corpo vil a ſepultura?

XIIII.

O ditoso Moyfes, a quem nos braços Deut.
Tem Deos no monte em seu falecimêto. 34.
Que só pertende vnir de amor os laços,
Dando cuydado a Deos do enterramêto
O alma que ja solta de embaraços,
De teu amor alcanças os intentos,
Que são em Alua insigne sepultarte,
E della em todo o mundo celebrarte.

XV.

Como feita de marmore jasía
A que nos seus amores se empregauã
Nem com reposta algũa diferia
Por mais que hũa, & outra lhe falaua:
Com este rapto foy passando o dia
Atè da noite noue; & se notaua,
Que em quãto estes faoures lhe duraraõ
Duas vezes sete horas se contaraõ.
Bem

XVI.

Bem como o Patriarcha reclinado
Denoite estava là na pedra dura,
No somnolento emisferio entrado
Gofando da celeste fermosura:
Tal de Teresa o animo enleuado
Nos bens de seu amor, & na doçura,
Ve que no Olimpo se abre alta janella,
E dignidades delle vem por ella.

XVII.

Dece de lá da esphera cristalina
De degraos de esmeraldas hũa escada
Que com pilares de ouro, & prata fina
Esta de ambas as partes emparada:
Não ha na terra flor, rosa, ou bonina
De que estar se não veja matifada
E firma cà na terra seu acento
Onde esta de Teresa o aposento.

XVIII.

Por ella hum esquadraõ dece fermoso
 De des mil illustrissimos soldados
 Cujos vestidos com laour custoso
 De perolas, & aljogar saõ bordados:
 Com brio graue, & gesto luminoso
 Vem todos de ouro fino coreados
 Em ordem de fileiras muy perfeitas
 Ornando a verde palma as maos direitas;

Os co-
 rente
 mart.

XIX.

Logo com estendarte tremolando
 Que guia a soldadesca rutilante
 Pera onde està Teresa vem marchando
 Com pompa magestosa, & triunfante:
 Os martyres saõ estes que mestrando
 Amor que lhe tiueraõ ser constante
 Vesita vem fazer que tal peçia
 A palavra que derão tempo a via.

Enj

XX.

Entrão na humilde cella aonde habita,
 A que gozar merece gloria tanta
 Cada qual por si sò lhe faz visita
 E parabens lhe dá de grande sancta:
 A isto a primorosa Carmelita
 Dentro no peito como Cisne canta,
 Mil agradecimentos mil amores,
 A quem lhe faz na morte tais fauores.

XXI.

Desse o que he descendente conhecido,
 Do tronco de David tão venturoso
 Que sendo entre milhares escolhido
 Deu à q̃ he Mãe de Deos a mão de espolo
 Vem de celeste tunica vestido
 Que de laour se borda precioso
 Por cima o manto a cor tras de escarlata,
 Com laçarias douro, & fina prata.

XXII.

Na mão esquerda a vara milagrosa,
De diferentes rosas tras florida,
Em presença da qual como enuejosa,
D'Abril a primavera está corrida:
Occupa a mão direita hũa fermosa
Capella que de cravos he tecida
E desta sorte as plantas vem mudando,
Com passo graue ò leito se chegando.

XXIII.

Entrada à porta da ditosa cella
Com alegria apressa mais seus passos
Tanto que vê Teresa chega a ella
Cercalhe logo o corpo com seus braços:
Na cabeça tambem pòs a capella,
Com que entrará pellos Ethereos paços
E com festinal rosto à que da morte,
Està vesinha, falla desta sorte.

que-

XXIII.

Querida filha minha hoje quer darvos
 A gloria do Senhor ditosa entrada
 Como pay vosso venho apàdrinharvos,
 Pera que entreis comigo acompanhada:
 Vinde que quero agora festejarvos,
 Pois minha deuaçãe quasi enterrada,
 No mundo com feruor refocitastes
 No que amorosa filha vos mostrastes.

XXV.

Não julgueis por aqui vos sepultarem
 Que ficareis no mundo sepultada
 Pois antes de quarenta annos chegarem
 Vos ande pòr no altar Canonizada:
 Vereis todos os Reynos festejarem
 Vossa gloria com festa a finalada
 Italia, França, Frandes, & Alemanha,
 De Portugalos Reynos, & de Hespanha.
 Disse.

XXVI.

Disse, & logo do leito á cabeceira
Pera a filha a sítir lugar tomava
Quando com aluoroço húa ligeira
Esquadra de Anjos bellos se aprestava
Huns armão Cital, outros cadeira
A Raynha preparam que chegava
E occupando nisto as mãos fermosas
Alcatifando tudo estão de rosas.

XXVII.

Entrou a serenissima Maria
Com aquelle semblante, & magestade,
Que com tanta rezão trazer devia
A que he máy do Senhor da eternidade:
De leonada tunica vestia
O corpo sacrosancto, & caridade
Das estrellas do ceo se diuisava
No manto que da neve a cog tomava.

XXVIII.

De fermosa affucena hum fresco ramo
A Tereza entregou na mão direita,
E logo fala assi. Filha a quem amo,
Pera vernos o ceo hoje se enfeitã:
Como filha querida ja vos chamo
Pera delle gofardes; disse, & deita
A bençaõ maternal à filha amada
Que lhe fizera a ordem dilatada

XXIX:

Ja quasi a meo curso hia chëgãdo
A noite em seu escuro movimento,
O alto polo as Vrsas rodeando
Bordauaõ de cristais o firmamento:
Quando o querido Esposo conuidando
Tereza vem com gram contentamento,
Pois he das vodas hora competente,
E ella he vigilante, & he prudente.

E pera

XXX.

E pera a Esposa a quem na vida dera
Mostras de seus amores gloriosas
O rosto vira; aonde a primavera
Se vé de jasmins bellos, & de rosas:
Estende os braços, & fazer quísera
De amor aqui finestas amorosas
Se da pomba querida que esperava
Não vira que em seu voo se apressava

XXXI.

A qual nestes amores occupada
Como correspondente primorosa
Esta; quando com força então dobrada
Dispara amor a seta mais forfosa:
La com mais forte vinculo ligada
Se sente a seu lesu a alma ditosa
Do que ao mortal corpo; cujos laços
quebrou, pera gozar de seus abraços.

Teresa militante

XXXII.

Ditosa Phenix que na chama ardendo
A vida acaba pera renouarse,
Fermosa flor que a terra não querendo,
Busca no ceo jardim para plantarse:
Estrella soberana que fazendo
Seu curso, sobre os orbes vai fixarse,
Lua de maravilhas sempre cheia
Sol que todas as luzes senhorca.

XXXIII.

Vendo que do vital alento estaua
la falto o corpo fric; lastimoso
O pranto foy que em todas se mostraua
Na perda do thesouro precioso:
Mas a prelada com feruor trataua
De fazerlhe aparato grandioso
O chão se cobre de alcatifas finas
Tecidas de ouro, ceda, & de boninas.
E logo

XXVIII.

E logo sobre aquellas debuxadas
As naturais cheirosas se espalhauão
Nas quais pera que fossem mais amadas,
Milhares de Narcisos se trocavão:
Alyjasmims, giesta, descoradas
Assucenas, & cravos se pisanão
E as que a Venus sangue lhe tiraraõ
Em cuja cor vermelha se mudarão.

XXXV.

Cuberto de riquissimo brocado
Hum esquite no meo estar se via
Nelle o sagrado corpo esta deitado
Que ha de gosar de Deos a companhia:
De candelabros de ouro rodeado
Aonde o lume a cera derretia,
E o que he lux do mundo verdadeira
Na Cruz esta pregado á cabiccira.

Teresa militante

XXXVI:

Do leonado, & branco está vestida
Traje que a Mãe de Deos ao Carmo dera
E por cima apparece florecida
Da bella flora a fresca primavera:
O rosto aonde a morte desabrida
E feitos mostra de brabela fera
Vsa com ella termos taõ humanos
Que torna atras a idade muytos annos.

XXXVII:

Tambem quatro donzelas assistiaõ,
Do esquife aos cantos respondentes
Que por belleza, & arte mereciaõ
Estrellas ser do ceo resplandecentes:
Vertudes que em Teresa floreciaõ
Estas eraõ, das outras eminentes
Seus nomes, oração, & penitencia
Sabedoria, & outra a paciencia.

Ve:

XXXVIII.

Vestida esta a primeira que he mais bella
 Em hũa rica cotta que laurados
 Tem no branco setim ramos daquella
 Cor de que Phebo os rayos tẽ, prefados:
 A guarnição fermosa fazem nella
 Iacintos entre aljofar assentados
 E com rosas de fitas encarnadas
 Mil pontas de cristal tem penduradas.

XXXIX.

Nos hombros virginais aly descança
 De ceo azul fermoso a volta leve.
 E no rosto dos Anjos semelhança
 Estão brotando rosas de entre a neuẽ
 Decem de ambas as partes a vsansa
 Da gentileza que he na vida breue
 Os fios de ouro bellos, & fermosos
 Ancis de si fazendo graciosos.

XXX.

Sobre elles se vê de ouro, & diamantes
 Coroa imperial que se fechava
 Naquelle fioal sacro com que dantes,
 O grande Constantino o rematava
 Vestida affi de roupas rosagantes
 Com muyta magestade em pè paraua
 Qual com tanta rezão mostra de nua
 A que alta sapiencia se dezia.

XXXI.

Responde lhe defrente em competencia
 Na belezã, nobrio, & gratidade
 Outra que mostra estar com reuerencia
 Contemplando na sacra Deidade
 Enxergase em seu traje hua apparencia
 De vertude, de lux, de santidade
 Pois toda com riquezas guarnecida
 Na terra posta está do ceo vestida.

XXXII.

Hũa fontaina azul se lhe está vendo,
 Que de estrellas fulgente bem se esmalta
 A qual dos hombros puros vem decendo
 Atè ficar do chão dous palmos alta
 Logo fica por baixo aparecendo
 Outra que dece roxa, onde não falta
 O laçor que riquezas mil enerra
 Atè cobrir os pès tocando a terra.

XXXIII.

De branca tella a roupa magestosa,
 Pellas costas abaixo faz ornato
 Na cabeça a tiara preciosa
 Mostra divino culto, & aparato
 O rosto por belesa estranha goza
 Da bella Citherea se retrato
 A cintura hum sensualhe tem tomada
 Da cor a que chamamos encarnada.

He

'XXXIII.'

He esta a oração penetradora
 Que chega o creador omnipotente
 E por ser dos mortais intercessora,
 O ceo, & terra a vestem ricamente;
 Logo da mesma parte imitadora
 De Calliope bella está presente
 Outra donzella rara em fermosura,
 Que enuergonha dos orbes a pintura.

'XXXV.'

Veste de hum roxo claro gracioso
 Riscado de ouro fino, que adornando
 O vergineo corpo o faz airoso
 De talhe, que no chão se está arrojando;
 Reluz nella o diamante precioso
 Com que a safyra azul se está ajuntando;
 E nesta liga vnidos tão fermo'a,
 Lhe fazem guarnição rica, & vistosa.

Cec.

XXXXVI

Cercando aly lhe está eburneo colo,
O gorjal de que pende argentaria,
E nas tranças que são de louro Apolo
Em ordem resplandece a pedraria:
A paciencia que de pollo a pollo,
Nos trabalhos estende a monarchia
Se chama esta donzela aparatosa
Que riquezas quem sofre sempre goza.

XXXXVII.

Veste no lugar quarto outra que assiste,
Despresando, parece, a mortal vida
Com os olhos em terra, o rosto triste
Desfeito, & quasi toda a cor perdida:
Seu traje rico, & gala só consiste
No groceiro burel de que vestida
Hua tunica tem que o chão tocando
Deixa dos pés as plantas aluejando.

Aper-

XXXVIII.

Apertalhe a cintura hũa nodosa
 Corda, na qual as contas enlaçadas,
 Se vem co a disciplina rigurosa
 Cujas pontas de ferro são formadas:
 Não tras galantaria aparatosa
 Mais que sômente as tranças desatadas,
 Onde faz do toucado a fermosura
 De espinhos a coroa aspera, & dura.

XXXIX.

O penitencia em tudo soberana
 Que de todas em tudo te engrandesces,
 Teu ornato te mostra tão oufana
 Que as purpuras, & togas escurces
 Bem julgara de ti quem não se engana
 Que em teu vestido a palma sò mereces
 Pois ouro, prata, tellas, & borcados
 São foahos, que são nada òs acordados.

Todas

L.

Todas quatro fermosas a sístiam
Nã s'òmente a defunta acompanhando,
Mas aparato honroso lhe fazião
Seus thuribulos de ouro meneando:
Os ares com perfumes recendião,
E tanto que o esposo perguntando
Dizer pudera (disto ver suspenso)
Quem he esta que sobe como incenso?

LI.

Là da celeste Venus o nascido
Com capella de rosas coroado
Sem arco, & frecha, aly se vè desfido
De todas ministrar tendo cuydado:
Na mão fermosa o vaso tras pulido
Com thesouro aromatico prestado
E delle tira especies vaporosas
Que derrama nas brasas luminosas.

Co.

Tereja militante

LII.

Como no monte Rodope admirada,
As boninas estauão, & aruore dos
Ouindo as melodias concertadas,
Do que na lyra de ouro punha os dedos:
Assi dessas angelicas moradas
Os choros de ver isto parão quedos,
E querendo fazerlhe aplauso sancto
Me mandão ca que pare com meu Canto
CANÇ





CANTO XVI.

*Sepulchro, & honras da triunfan-
te Teresa.*

I.

Tanto que os moradores soberanos
 Virão de là da angelica morada
 q' aq' he formada sò de ossos humanos
 Tinha em Teresa a frecha desparada:
 Com a licença do que rege os annos,
 Pera onde o corpo està fazem jornada
 E como onde jasia se chegaraõ
 Com grande acatamento o venerarão:

Eis

II.

Eis logo Michael, que se enxergava
Ser aly dos demais obedecido.
A cujo cargo então falar estava
A voz do peito arranca não vencido:
E pera o leito aonde descançava
O corpo que está da alma desunido
Começa de dizer, & logo tudo
A isto aly mostrou silencio mudo.

III.

Teresa sancta, diz, que ja gosando
Cadeira nessa esfera rutilante
Estaiso ser diuino contemplando
Fora da triste vida militante:
Aqui juntos decemos procurando
Fazer o vosso enterro triunfante
Porque esse corpo em tudo venturoso
Aparato merece magestoso.

III.

Se nos fora daquelle concedido
Que governado mundo a monarchia
Ser vosso enterramento emnobrecido;
Sòmente da celeste Gerarchia:
Verieis vosso feretro seruido
Da multidão angelica, & seria
Outro aparato qual Nebó vio junto
Quando delle decco Moises defunto;

V.

E como sobré o monte onde foy dada
Pera o pouo de Deos a ley diuina
Em nossas mãos com festa a finalada
Leuamos triunfando a Catarina:
No alto do Carmelo colocada
Foreis por nós em tumba cristalina,
Que se com prenda tal elle se vira
De boninas mais belas se vestira.

VI.

Tambem como levamos diligentes,
A Lazaro sua alma venturosa
Ao seyo do Pay das muytas gentes
Com aparato, & festa gloriosa:
Daqui vos levariamos contentes
A morada de Elias deleitosa
Que se gosto tão grande se lhe dera
Aplausos mil de veruos là fizera.

VII.

De flores bellas de arvore da vida
Illustre sepultura vos formara
E bem no lugar onde foy vencida
Vossa primeira mãy vos colocara:
Da gente humana a culpa desabrida
Conu osco ja tão fea não ficara
Porque se hũa molher aly caira
Outra de valor forte aly se vira.

VIII.

Viereis lá depois quando os viuentes
 Forem com rigor forte atribulados
 Da fera abominanda de insolentes
 Costumes, & sequaes deprauados:
 Acompanhando os dons que penitentes
 Com seus sacco virão mortificados
 Trazendovòs tambem vosso vestido
 Desse sayal groceiro, & desabrido,

*Ante**chús**Apoc.**19.**Amic**ti sac-**cis.**Apoc.**11.*

IX.

E como elles com voses rigurosas
 Resistirão àquelle que os altares,
 Profanara de Deos com mãos forçosas
 Blasfemias espalhando pellos ares:
 Assi vòs com palauras poderosas
 Bastantes pera todos reformares
 fizereis resistencia a elle rara
 Que de ouixuos confuso se emmendara.

X.

Mas pois daqui leuáruos celebrando
 Os devidos primores não podemos
 Aqui de honraruos todos nos honrando,
 Com quanto for em nós vos seruiremos:
 Dice, & logo huns de outros se apartando
 Mostraõ de suas voses mil estremos,
 Os instrumentos tocãose sonoros,
 As musicas de amor cantaõse a choros.

XI.

Dos demais com vontade pronta, & grata,
 O virginal penhor se autorisaua
 Qual cõ tesoura de ouro em mãos de prata
 O lume dos brandoés espiatava:
 Qual pomas de cristal derramar trata
 De agua de angeles com que rociava,
 A defunta que nella lhe acrescenta
 Em a tocando a graça de ser benta.

XII.

La sobre Alua trazia o carro de ouro
A rutilante aurora triunfando
Do Orião, do Cisne, Aguia, Touro
Toda a terra de lux alcatifando:
Pera onde jaz Teresa o Phæbo louro,
Risonho vem seus rayos espalhando
E faz mais engraçado aquelle dia
Pois sobre si Teresa ja sentia.

XIII.

Comode seus Delfins acompanhada
E das Nereas Nimfas neptuninas
Pisando vinha Tetis celebrada
Com pès de neve as ondas cristalinas:
Isto por visitar a matifada
Sepultura de Achilles com boninas
Porque quem vino insigne se fizera
Defanto; & sepultado se venera.

XIIII.

Assi pera o Mosteiro concorriã
Da villa a gente toda, & procuraua
Ver Teresa defunta, & quem podia
Chegar a ella as plantas lhe osculava:
Qual ja do habito humilde pertendia,
Reliquias cortar, qual derramaua
Dos olhos agoa, o corpo acompanhando
Que ser de sancta estaua contemplando.

XV.

Neste tempo leuala ja querião
Pera o lugar que tinhão preparadõ
Os olhos em mil fontes se fazião
O som do metal tine magoadõ:
Aly do ceo, & terra appareciã
As fermosuras de hum, & outro estado,
E de todos com nobre acatamento
Se ordena grandioso enterramento.

XVI.

Aparece de tudo sendo guia
A que sô tem de seu ser mera offada
Com capella que a fronte lhe trazia
De murta, & cipariso coroada:
Hum pendão branco aruora onde se via,
Teresa entre as estrellas retratada,
A cujos pès dezião letras de ouro,
De posse o ceo meti deste tesouro.

XVII.

A vir começo logo a Cruz seguindo
As filhas de Teresa lastimadas
Cadaqual sua perda vem sentindo
Os veos cobrindo as perolas salgadas:
Nas mãos o lume em cera relufindo,
Trazem todas em ordem concertadas
Cantando à Mãe que ja na gloria assiste,
O canto funeral, sentido, & triste.

XVIII

E como a guarnição do templo sancto
 Cherubins entre palmas adornauão,
Eze. Affi entre as donzelas, com seu canto
 41. E (piritos do ceo se mesturauão:
 Muyto era pera ver o como em quanto,
 Húas chorando vem, outros cantauão
Eze. 2 O liuro do Propheta aly se lia
 Que de tristeza, & verso se escreuia.

XIX.

No fim de todos vem com o prelada
 A Fé que se venera, & se respeita
 Com Calix de ouro fino, & aruorada
 A Cruz em que se firma a mão direita:
 Logo sobre sua anchora encoitada
 A Esperança firme, & a perfeita
 Charidade que a todos abraçando
 Se vem com seus meninos recreando.
 Nisto

XX.

Nisto aparece o feretro ditoso
Que escora sobre seis religiosas
No qual o corpo vem bello, & fermoso,
Da que pisa as estrellas luminosas:
Pera o sepulcro guião venturoso
Que riquezas espera preciosas
As quatro que assistirão venerando
O corpo sacro, o vem thuriferando.

XXI.

sobre a parte a elle respondente
Se enxerga de riquissimo borcado
Hũ pallio sem que escore em mão de gête
Mas das de seis Archanjos pendurado:
O ja propiciatorio excelente
que azas de cherubins trazem toldado?
O arca sobre os hombros de Leuitas?
Olux dos venturosos Carmelitas.

Chc

XXII.

Chegãdos ò lugar onde se viã
No vão de hũa parede preparada
Sepultura, na qual se pertendia
A Teresa guardar depositada:
Feita a honra que então se lhe deuã
Foy pera hum ataude tresladada
Que aly cobrindo pedras a tirarão
Dos olhos que com lagrimas ficarão.

XXIII.

Porem, aquelle Deos que seus queridos
Com grande amor exalta, & emnobresse
Ora se jão nos mares submergidos
Ora entre quem seu presso não conhece:
A todos faz lembrados de esquecidos
Mostrando que seu nome não peresse,
E pera executar esta grandesa
Dispensa no rigor da natureza.

XXIII.

Tal neste caso obrou, que a corrompente
Fragelidade quando detremina
Tratar Teresa como descendente
Da que enganara a forma serpentina:
Acode então com braço omnipotente
Contra o poder da triste libetina;
Que tais termos se deuem, tais primores
A quem se mostra amor de seus amores.

XXV.

Mandasê quando corpo a carne fria
Sinal de corrupção nenhum padeça,
Que pois vida celeste cá fazia
Com ceo incerruptivel se pareça:
Nem do cheiro brutal se consentia
Mostrar pera o olfato cousa aneça
Antes com suavidade tão flagrante,
Que excede o Pigmentario vaporante.
Passa-

XXVI.

Passados pois de seu falecimento
Noue meses inteiros procurava
O Prelado saber o fundamento
Do cheiro que das pedras exalava:
Por obra, por começa seu intento
Com segredo, & recato que importava,
Quando o corpo descobrem precioso
Incorrupto, tratauel, & fermoso.

XXVII.

Dê nouo aqui estão todas abraçando,
O corpo milagrosamente inteiro
De cuja carne o oleo destilando,
Penetra todo o ar de nobre cheiro:
E como filhas outra vez tomando
A benção maternal, onde primeiro
Estava o depositão mais decente
Sem d'isto saber nada fora a gente.

XXVIII.

Antes porem que a isto fim pufesse
 O prudente prelado que assistia
 Lhe corta a mão esquerda porque desse,
 Hum certo testemunho do que avia:
 A qual o ceo traçou que hoje tiuesse
 Lisboa venturosa; a monarchia
 Do seu imperio mais acrescentando
 Pois a todos por mão fica ganhando.

XXIX.

Os lugares se jaçtem que pisados
 Daquellas plantas forão preciosas
 Ficando desde então sanctificados
 Com prendas de passadas tão ditosas
 Que tu Lisboa insigne audentados,
 Favores de Teresa sancta gosas
 Querendo em certo modo venèrarte
 Com mão, porque não quiz cõpepisarte.

Bastou

XXX.

Bastou de Deos a mão ser estendida
 Pera falar grandesas excellentes
 A lingua do Propheta emmudecida
 O brando maravilhas entre as gentes
 Tal de Teresa agora a mão querida
 Causou nos lusitanos eminentes
 Que como de valores não pequenos
 Bastalhe ver da mão s'òmente assenos

XXXI.

Augmentase do Carmo a venturosa
 Familia com tal mão de si tão perto
 Edifica Provincia, o nome goza
 Do que Christo consulta no deserto
 O Conuento onde a vida rigurosa
 As filhas sanctas fazem, tem de Alberto
 De nossa ordem sancto glorioso
 Protecção, que lhe dà titulo honroso

Ioã. 6.

Dixit

ad Phi

lippũ

Aqui

XXXII.

Aqui se guarda o inclito tesouro
 Da sanctamão, reliquia inestimavel
 Ornada de mil joyas, prata, & ouro,
 E mais do coraçõs de que he amaue:
 Ameassa daqui o Hereje, & Mouro,
 Que do mar co-ta as ondas indomauel
 Porque o mosteiro fica posto em parte,
 Que parece da barra hum baluarte.

XXXIII.

la como o Patriarca a quem o amado *Gen.*
 Filho Ioseph causara tanto abalo *37.*
 Que pertendia em lagrimas banhado *Desc.*
 Decer depois de morto a visitalo: *dam*
 Assi Teresa faz, ao mais presado *ad fili*
 Conuento dos demais, & seu regalo *menm*
 Pertende de partirce, em que sem vida *lugens*
 Que nella amor, a morte tem vencida.
 E foy

XXXVII.

E foy que seus prelados ordenaraõ
 Para Auila ser logo tresladada
 Porque viuendo ella se obrigarão
 Per cedula de suas mãos firmada:
 Antes de tudo hum braço lhe cortarão
 Com que Alua então ficase penhorada,
 Que pois amay se vai não quebra os laços
 De amor deixando ás filhas seus abraços.

XXXV.

Com a cautela logo que importaua
 E com decencia a mais que se podia;
 O sancto corpo parte o qual leuaua
 Religiosa, & nobre companhia:
 Então de fido caminho se enxergaua
 Auila mais alegre aquelle dia
 E, com rezão, pois prenda tão custosa
 Pella cidade entraua populosa.

XXXVI.

A Saõ Ioseph direitos se vierão
 Onde a sancta he de todas festejada
 Pois hũas como tal a conciderão
 Outras a reconhecem por prelada:
 No meo do capitulo a puierão
 Em hũa tumba aonde venerada
 Esteue com riquissimas cortinas
 Alcatifas o chão cobrindo finas.

XXXVII.

Preparão juntamente com cuydado
 Hum cofre, no qual fosse recolhida
 Com terciopello preto autorifado
 Por cima a guarnição de ouro tecida:
 De tafetá por dentro está forrado
 Daquella cõr que o lirio tras vestida,
 Nos passamanes prata reluzia.
 E ouro em todo o fecho, & pregaria.

XXXVIII.

De hũa parte se mostra o nobre escudo,
 Das armas, & brasaõ do grande Elias
 Da outra o nome está sobre veludo
 Que teue Deos nacido de oito dias:
 Hum letreiro se vê sobre isto tudo
 Com letras de ouro, & mil galantarias,
 Que aos olhos de quantos estão lendo
 Teresa de Iesus, está dizendo.

XXXIX.

Porem como lá aquellê a quem priuava
 De sua Rachel bella a morte dura
 Na mesma parte aonde caminhava
 Quando morreo lhe dera sepultura:
 Assi o Ceo ordena que onde estava
 Teresa quando a vida acabou pura,
 Outra vez com cuydado se trouxesse,
 E sepultura illustre aly tiuisse.

Gen.
 48.
*Sepeli
 uiam
 iustam.*

Eis

XXXX.

Eis do que na cadeira entronizado,
Esta do pescador vem fulminando,
Com censuras hum breue que tornado,
Pera Alua fosse o corpo venerando:
Deuse á execussão logo o mandado
Leuasse a sancta de Auila, & soando
Pellos campos trombeta toca a fama
Do cheiro que destila, & que derrama.

XXXVI.

Posta que fora em Alua, se levanta
Dentro no seu conuento hum sumptuoso
Sepulcro, porque logre ja de sancta
Aparato Teresa grandioso:
Da parte que aly fica onde se canta
Da Missa o Euangelho precioso
Se rompe na parede em boa altura
Lugar da magestosa sepultura.

XXXII.

De damascos, & tella aparatosa
Se cebre logo, & veffe levantado
No meo da capella venturosa
Ham docel de tres altos no bordado:
Debaixo delle a arca milagrosa
Que o penhor sancto' guarda entefourado
E ornasse por fora este tesouro
De carmesim que està bordado de ouro.

XXXIII.

Entalhãose Epitafios gloriosos
De hũa, & outra parte os pensamentos
Da defonta contando generosos
Que teve no fundar de seus Conuentos:
O ser reformadora, & os famolos
Liuros de soberanos documentos
Incorrupção do corpo emnobrecido
Tudo de grandes letras esculpido.

XXXIII.

De mais disto o sepulchro se emnobrece
 Com bração de Patrona ser de Hespanha
 A qual por companheira a reconhece
 Daquelle que o poder do Mouro acanha:
 Ia Monarchia o mundo te obedece
 Vendo de teus patroês a força estranha,
 Pois Iacob vence o fero Ismaelita
 Herejes doma a grande Carmelita.

XXXV.

Defta sorte descansa acompanhado
 O sancto corpo até que a poderosa
 mão daquelle que o orbe tem criado
 Lhe deite a vestidura gloriosa.
 Ia Lyra minha he tempo que acabado
 Seja teu brando som pois a fermosa
 Calliope me obriga a ja deixarte
 E do canto os assentos pòr de parte.

XXXXVI.

Embora fica pois musa querida
 Lyra de quem ja sinto a saudade
 Outrem virà fazerte esclarecida
 Com voz sonora, & mais suavidade
 E vòs clara profapia emnobrecida
 Com titulo da que alta dignidade
 Teue de mãy de Deos, sendo amorosa
 Mãy vossa Por fazeruos mais famosa

XXXXVII.

Dado que nunca foreis abundante
 Da multidão que o mundo maravilha
 Pera ser entre todos triunfante
 Bastaua sò Teresa ter por filha
 Mas vejouos ser aruore que Athlante,
 Està de hum mundo feita, a qual humilha
 A rana com seus fruticos gloriosos
 Agora com Teresa mais fermosos.

XXXVIII.

De espirito profetico dotados
Brotão de vossos ramos mais florentés,
Aquelles na vertude afinalados,
Que forão sobre muytos eminentes:
Assiste o que fez vrsos asanhados
Despedaçar os mossos insolentes,
O Precursor de vida mais que sancta,
Enchendo de grandezas esta planta

XXXIX.

Com tiaras de aljófar, & diamantes
Aonde as tres coroas se deuisam
Do Pontifice Pedro os heredantes
Os troncos desses ramos autorisam:
São estes Dionisio que os errantes
Enemigos de Christo martyrisam,
Benedicto que a outros se passara
Depois que no Carmello se criara.

L. XXX

Do frigio paramento variadas
 Mil deusas estão com fermosura
 Em huns Patriarchais que são fechadas,
 Episcopais em outros da cor pura:
 Com bacculos, & Cruzes tem ornadas
 As mãos os que tiverão tal ventura
 Que aqui estar merecerão guarnecidos
 Com pedraria, & ouro nos vestidos.

LI. XXX

He destes hum Cyrillo Alexandrino
 Morador no Carmello antigamente
 He outro o celebrado Andre Cursino
 Nas vertudes, & cargos excellente:
 A quem ja fez o oraculo diuino
 De Virbano oitauo ser resplandecente
 Cujos triunfos inda hoje pregoa
 Pello que delles vio nossa Lisboa.

Com

LII.

Com purpuras, & palmas conquistadas
Se vem por outros ramos como flores,
Os que prouarão golpes das espadas
Por testemunho dar de seus amores:
Tambem por outras partes mais copadas
Outros estão com borlas de doutores
que muytos pera Deos encaminharão,
Com vida, & com doutrina q̄ ensinarão.

LIII.

Na mão tendo asucenas que mostrando
O grao virgineo em sorte feminina
Estão mil maravilhas de uulgando
Eufrasia, Magdalena, & Eufrosina:
Como fruto que todas illustrando
Com fermosura mais, que perigrina
A inclita Teresa se conhece,
Que sua aruore, & ramos engrandece.

Se

LIIII.

Se o fruyto pois das arvores declara
Suabondade, estimação, belleza,
Sois familia no mundo planta rara
Que o fruyto dais insigne de Tereza:
Florecida conheço em vós auara
Do Pontifice Aaram, pois a grandesa
Dessa fertelidade se affinala
De sorte que das mais se desfigurala.

LV.

E vós inclita mãy mestra famosa
Tesouro que estais longe de ter preso
Serafim que abraçado em Deos se goza
No qual mií maravilhas reconheço:
Olhai dessa cadeira gloriosa
Esta pequena prenda que offereço
Que se dos vossos olhos for aceita
Então será acabada, então perfeita.

LVI.

Nunca a presumpção minha chegá a tanto,
 Que queira o rude verso apresentarvos
 Nem fazer cabedal de rima, ou canto,
 Mais que sò da vontade de cantarvos:
 Esta aceitar de mim podeis em quanto
 Ouvís choros angelicos louvarvos,
 Que só lá nessas altas Gerarchias,
 Farão de vòs as dignas poesias.

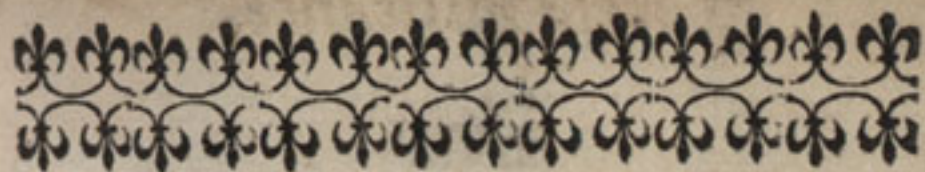
LVII.

Se acoeti de estillo tão groceiro
 Fazer humilde verso; atreumento
 Foy que me deu amor, & pregoeiro
 Elle me fez de vòs, não meu talento:
 Amor pois me desculpe verdadeiro
 De não ter no que entoo grave assento, *S. Ber.*
 Que de palavras ordem pouca cabe *ser 4*
 Em quem ama (diz bẽ que de amor sabe. *in cat.*
 A pe

A pena pois insigne Carmelita
A vossos pés sagrados deixar quero,
E ser deseja amor que em mim se excita,
No feruor serafim, no estilo Homero,
Pera que então com musica erudita
Vossa vida cantara, & inda espero
De ver engenhos mil de vòs cantando,
A todos eu meus Cantos fogueitando.

LVI
F I M.

LOVVADO SEIA O SAN-
tissimo Sacramento, & a Immaculada
Coacção da Virgem Maria N.
Senhora, concebida sem pe-
cado original.



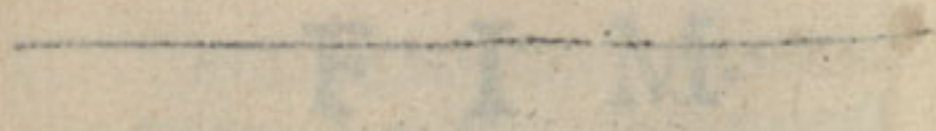
*Com a devida humildade reconhe-
cem o Author, & seus cantos,
obediencia à Sancta Igreja
catholica, & se fogeita a
quanto censurar o
bom juizo.*

E M L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias, im-
presso por Matheus Pinheiro. Anno.
M.DC.XXX.

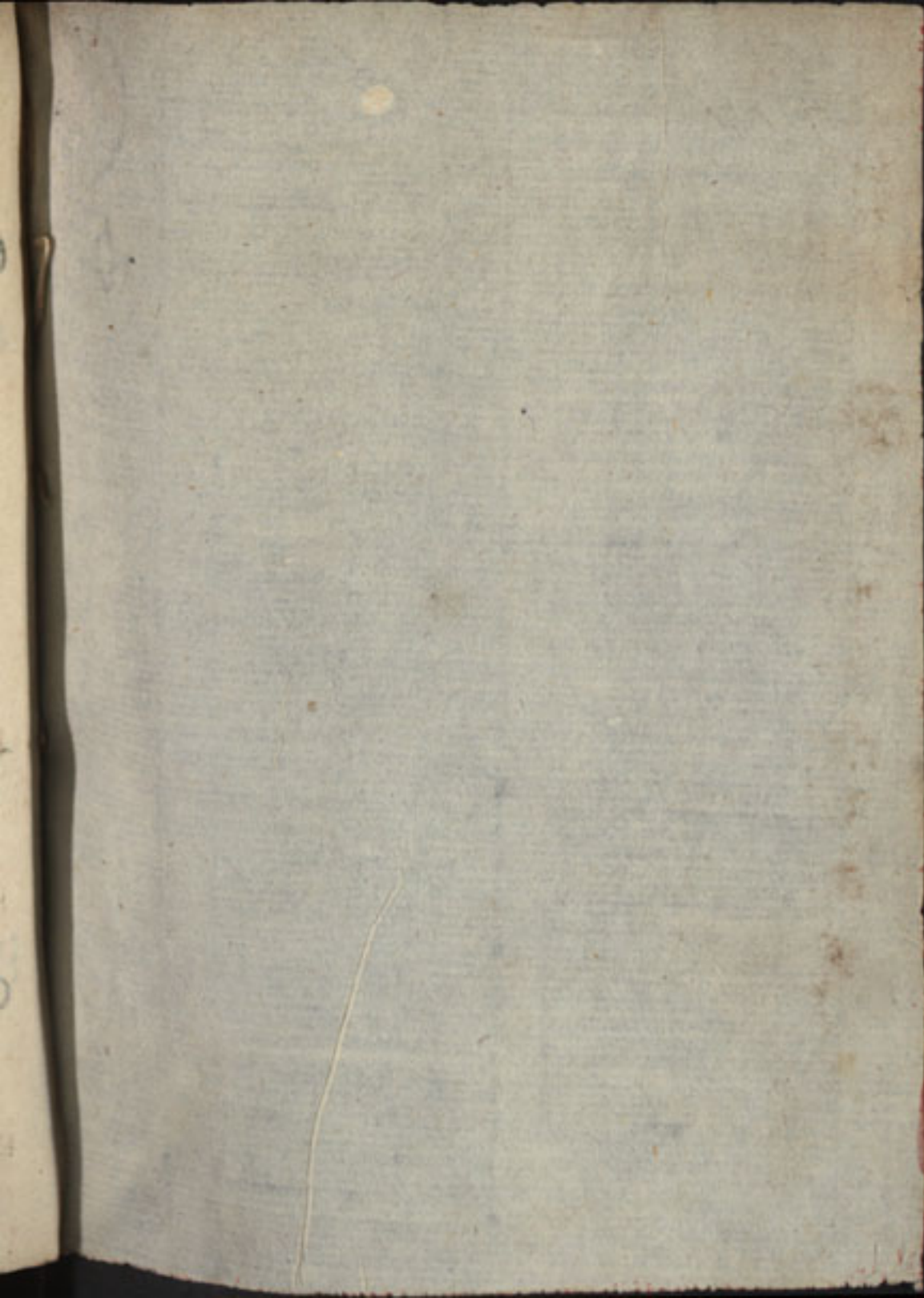
Com a devida humildade reconhecendo
com o Autor, e seus editores,
obediencia a Santa Igreja
Catholica, e se fogeira a
quanto couber o
bon fizo.

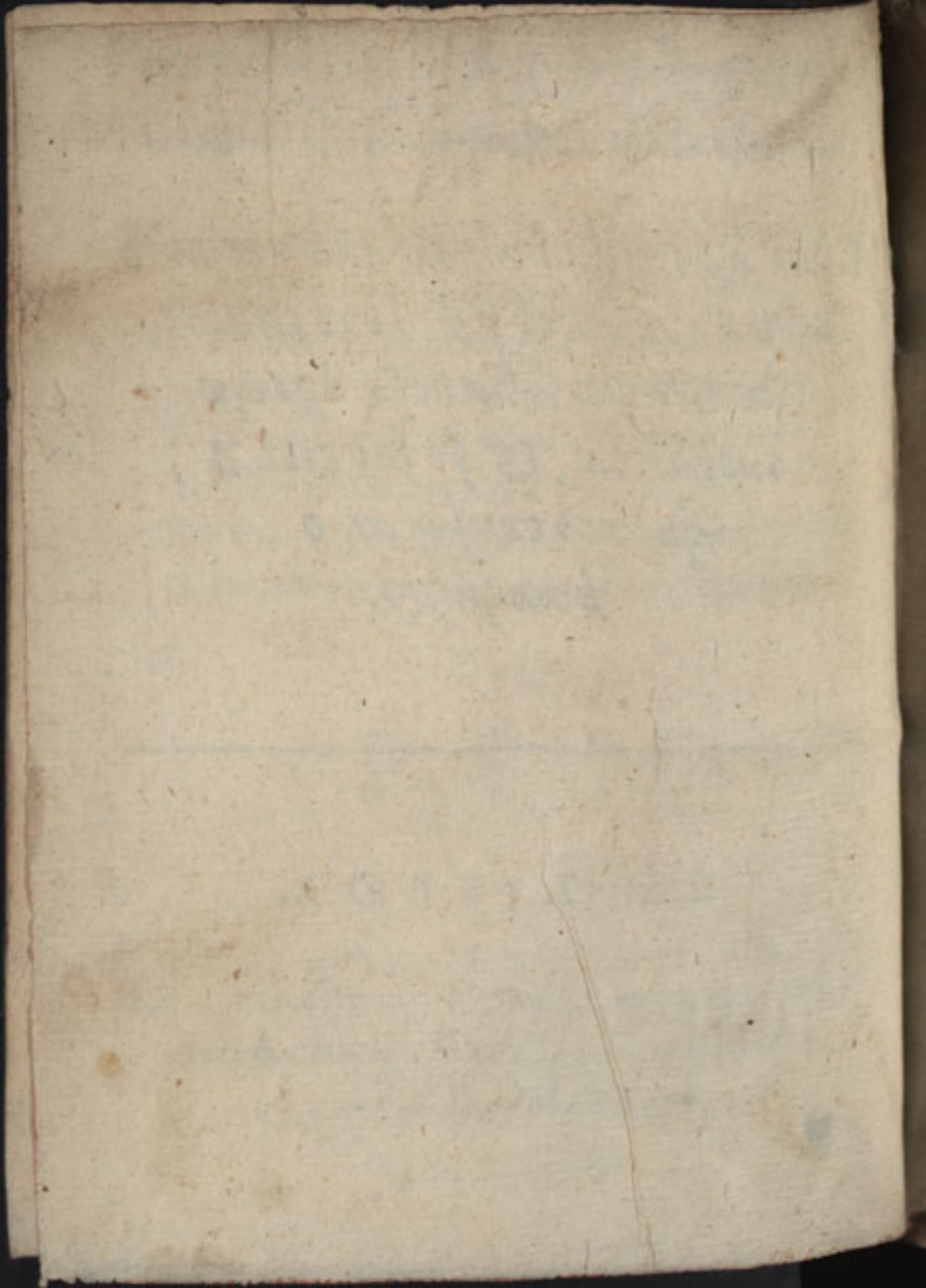
Com a devida humildade reconhecendo
com o Autor, e seus editores,
obediencia a Santa Igreja
Catholica, e se fogeira a
quanto couber o
bon fizo.

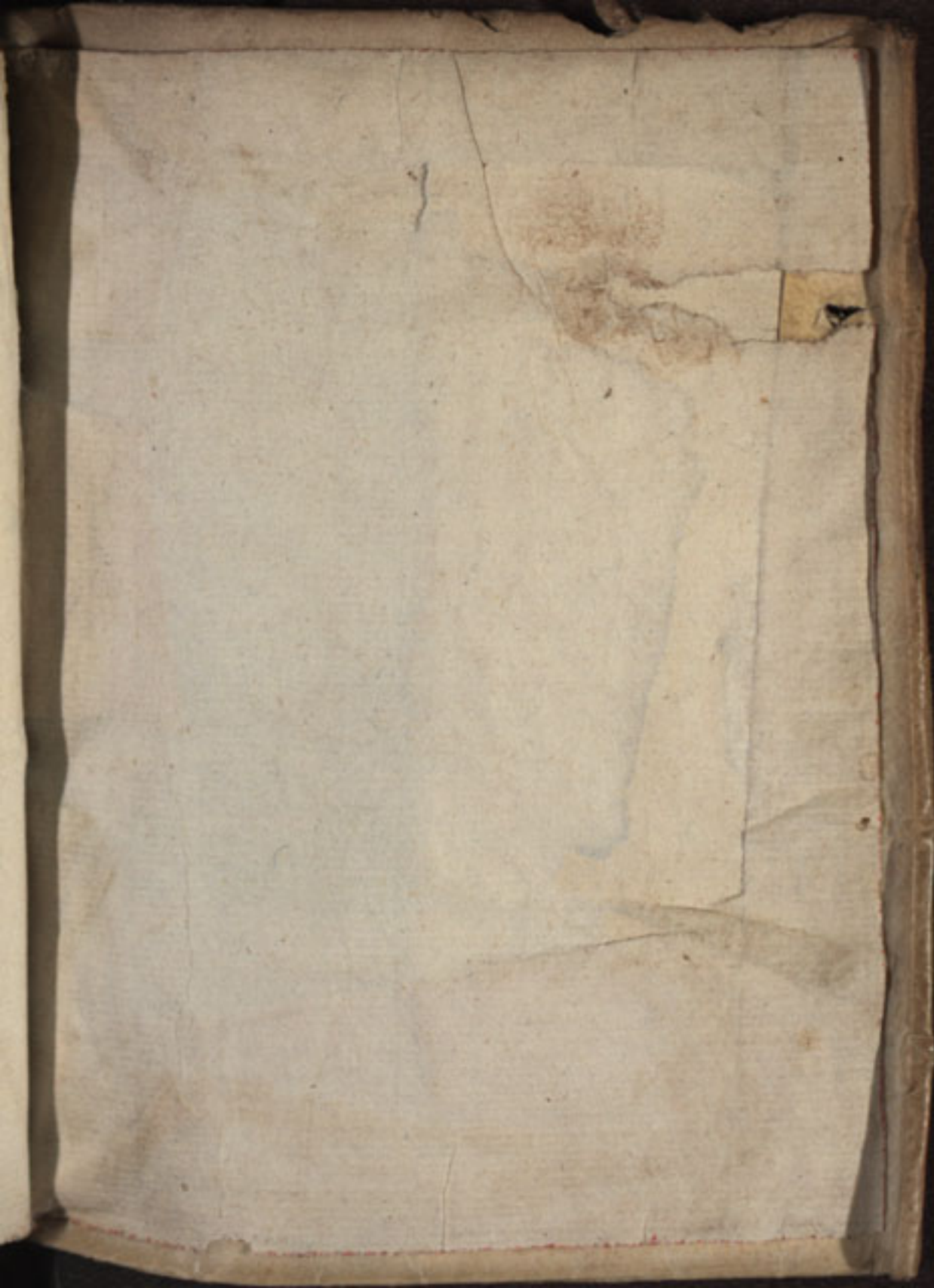


E M L I S B O A .

Com todas as licenças necessarias, im-
presso por M. Thomaz F. Ribeiro, Anno
M. DC. LXX.









UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras



1315609147

THEREZA
MILITANT

Sala
Est.
Tab
N.º

ef
B
4
18